MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Pç. Conselheiro Rodrigues Alves - 48 - 2º andar
1998 nº 171

NOSSAS RAÍZES INDÍGENAS

Hoje, quando têm início as comemorações dos 500 anos da descoberta do Brasil, torna-se necessário um conhecimento maior sobre os primitivos "donos da terra" e, principalmente, sobre os índios que ainda vivem na região, com seus usos, costumes e linguajar.



Em Guaratinguetá, a presença indígena está no nome tupi-guarani do município, nos documentos e notícias da época da Colônia, nos cemitérios e jazidas arqueológicas; nas narrativas dos antigos, na linguagem, nos usos e costumes.

Entre as principais jazidas conhecidas estão a que se localiza sob a Santa Casa de Misericórdia e arredores, a da Vila Molica (no Pedregulho), a da rua Joaquim Miguel (no centro), as dos bairros rurais da Rocinha, São José, Paraitinga, Paiol, etc. Nelas foram encontradas peças de cerâmica, como panelas, vasos e igaçabas (urnas funerárias), machadinhas de pedra polida. Nas igaçabas encontradas havia ossos e dentes, e algumas panelas apresentam elaborados desenhos em tintas vegetais. Inúmeras peças encontradas no município estão em exposição no Museu Frei Galvão, para estudo dos vários estágios culturais de nossos antepassados.

Em Aparecida (município que pertenceu a Guaratinguetá até 1928) também foram localizadas importantes jazidas no bairro do Itaguaçú, no local onde se ergue a Estação Ferroviária, e no bairro de São João. Nelas haviam peças primorosamente trabalhadas ou muito simples, testemunhando as diferenças culturais das várias tribos que transitavam pela região - passagem obrigatória entre as serras do Mar e da Mantiqueira. Também no Potim, então pertencente a

Guaratinguetá, foram localizadas peças e marcas da presença indígena, principalmente nas margens do rio Paraíba.

Em Cunha, cujas terras pertenceram a Guaratinguetá até 1785, foram encontrados objetos arqueológicos em diversos bairros, não tendo sido possível identificar as tribos a que pertenceram. Crenças associadas a esses objetos líticos chamados "pedras de raio" fazem com que as pessoas que porventura as encontram em suas roças, procurem descartar-se deles o mais depressa possível. Assim explica-se o fato de serem raros os objetos recolhidos e guardados. Para o antropólogo Emílio Willems, entretanto, "não há contradição entre as poucas informações existentes sobre a cultura dos Puri e a provável procedência cultural dos objetos em questão".

Antigos documentos informam a presença de várias tribos na região. Não foi possível registrar as numerosas tribos nem os milhares de índios que transitaram pelo Vale do Paraíba. Sabe-se apenas os que tiveram seu nome registrado em documentos: Tamoios ou Tamujos nas cabeceiras do rio Paraíba em 1560, e Cataguás em 1675. Estabeleceram-se depois os Guaiamimins e Guaianás, vindos da região de Paraty, os Tupinambás vindos do litoral norte, e os Geromini ou Guarulhos vindos de São Paulo, entre outros. Destaque especial merecem os Puri, parentes dos Goiazes e dos Coroados. Ocupavam a grande área entre a Mantiqueira e o rio Paraíba, área que se estendia da Vila de Guaratinguetá, pelos sertões de Hepacaré (Lorena) até Queluz.

Foram os índios Puri os últimos indígenas que permaneceram em terras guaratinguetaenses durante a colonização. Documentos oficiais comprovam sua existência: "Em 1725, para permitir o transporte de ouro de Cuiabá, sem o risco do mar via Paraty, começou a ser feita uma vereda no termo da Vila de Guaratinguetá à fazenda Santa Cruz dos padres do Colégio do Rio de Janeiro, o Caminho da Piedade, sendo os índios Puri gradativamente expulsos da margem direita do rio Paraíba, fugindo para as matas da Mantiqueira". Dizem os historiadores: "Os índios Puri faziam incursões em busca de alimento às margens do Paraíba mas permaneciam, acossados, na Serra da Mantiqueira..."

A 16 de janeiro de 1768, o Morgado de Mateus ordenou a Joaquim Pires de Oliveira, Capitão de Ordenança da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Hepacaré a realização de uma entrada à Serra da Mantiqueira "para conquistar os índios que aí se acham devendo para esse fim avisar criminosos e todos os soldados que lhe forem necessários..."

A 17 de maio de 1778, o Capitão General de São Paulo Martim Lobo de Saldanha determinou ao Sargento-mor de Guaratinguetá José Galvão de França, que prendesse os índios que se achavam refugiados na Bocaina, remetendo-os à

Aldeia dos Pinheiros, em São Paulo, de onde desertaram em busca de liberdade, já que o Capitão General desejava catequisá-los e vestí-los com "panos de honestidade".

Desde 1770 D. Luiz Antonio de Souza vinha solicitando ao Juiz Ordinário da Vila de Guaratinguetá a remessa de uma lista contendo o nome de todos os conquistadores brancos "que mataram índios bravos desse sertão, a exemplo dos cinco índios Puri que saíram com a índia Thereza Puri".

O mesmo documento mandava prender a Luiz Pedrozo "por inquietador da dª Índia Thereza Puri, devendo o mesmo cazar com ella".

Miscigenados aos colonizadores, os índios deram origem às primeiras famílias paulistas e valeparaibanas. João Ramalho - colonizador português já no Brasil em 1532, passou a viver com sua família, nos sertões do rio Paraíba. De sua união com Bartira, filha do cacique Tibiriçá, originaram-se muitas famílias valeparaibanas, sendo João Ramalho considerado "o pai do primeiro paulista". Inúmeras outras famílias de Guaratinguetá têm suas raízes ligadas aos casamentos de Pedro Dias com Teberê, também filha do cacique Tibiriçá; a Antonio Rodrigues, (companheiro de naufrágio de João Ramalho), casado com uma filha do cacique Piquerobi e a várias outras uniões, registradas em estudos genealógicos paulistas.

Os índios deixaram, na mistura de raça com os brancos, características indígenas ainda encontradas em famílias antigas de Guaratinguetá e de outras cidades do Vale do Paraíba: a aparência física, a pele morena e os cabelos pretos e lisos; o amor à terra, o comportamento calmo, corajoso, desconfiado; o uso de certos utensílios: gamela, colher de pau, pilão, peneira, cuia, panela de barro, rede. Na alimentação, a preferência pelas receitas ligadas à mandioca e ao milho e seus derivados como a farinha, o beijú, o fubá, a farinha de milho, etc, usadas em farofas, pirões, bolos, cuscus e mingaus.

A comprovação dos traços indígenas na região foi feita em Cunha pelo antropólogo e sociólogo Emílio Willems, no ano de 1948. Publicando o resultado em "Cunha - tradição e transição em uma cultura rural do Brasil", com mensurações, tabelas e comparações científicas, o autor chegou à seguinte conclusão: "os índios fundiram-se com a população local e esta apresenta, atualmente, traços indígenas indisfarçáveis. Esse fato se deve, sobretudo às mistiçagens ocorridas no século dezoito como, provavelmente, também à ulterior chegada de povoadores já mestiçados".

Valorizando suas raízes indígenas, várias ruas de Guaratinguetá receberam nomes dos primeiros habitantes das terras brasileiras: Aimorés, Caiapós, Caramurus, Carijós, Guaicurus, Guarani, Nhambicaras, Tupinambás e Tupiniquins

no bairro do Pedregulho, Tabajaras na Vila Galvão, Tibiriçá na Nova Guará e Xavantes no Jardim Aeroporto. Duas índias receberam em ruas, homenagem especial: Paraguaçu, na Nova Guará e Diacuí, no Pedregulho, além de Guaraci - a Lua, também no Pedregulho. A índia Moema não foi esquecida e desde a década de 1910 é nome de importante indústria de massas alimentícias do município. Nem o caboclo Tupinambá, patrono da Tenda de Caridade da Rua 1° de Maio - n° 171.

Hoje, próximas a Guaratinguetá, Reservas Indígenas Federais, situadas no litoral, entre Ubatuba e Paraty, procuram preservar nossos índios, com sua língua, usos e costumes. Com grandes restrições e pouco apoio da FUNAI, sobrevivem estes índios através da venda de seu pequeno artesanato (cestos, ventarolas, arcos, flexas, colares e brincos) exposto à beira da rodovia Rio-Santos ou em raras visitas a Paraty. Alguns tentam ainda infrutíferas trocas de farinha de mandioca com biscoitos e aguardente. Entre eles só falam o tupi-guarani. Morando em miseráveis choupanas, poucas vezes procuram um posto de saúde. Só na Reserva de Paraty-mirim (cerca de 110 km de Guaratinguetá), dos 70 índios aldeados, 30 são crianças, nascidas ali mesmo... Também, como seus antepassados, estes índios gostam de receber, de presente, algum alimento e roupas - que nada significam frente ao tudo que perderam do Brasil...

Maria Isbella Maia Fabiano

Fontes de Consulta

- Pereira, Paulo - O indígena do Vale do Paraíba - Imprensa Oficial do Estado - 1979.
- Oliveira, Maria Aparecida de - A alma índia no Vale - Cadernos Culturais do Vale do Paraíba. Fundação Nacional do Tropeirismo.
- Andrade, Antonio Carlos de Argolo - O índio, o branco e o negro na formação histórica do Vale do Paraíba Paulista - Informativo do IEV - Instituto de Estudos Valeparaibanos n° 96, agosto/1997.
- Léry, Jean de - Viagem à Terra do Brasil - 1961. Livr. Martins. 1951.
- Visitas e entrevistas na Reserva Indígena de Paraty-mirim, entre 1996 e 1998.
- Pasin, José Luiz - Algumas notas para a História do Vale do Paraíba. Desbravamento e Povoamento. Cons. Est. de Cultura - S.P. 1977.
- Willems, Emílio - Cunha. Tradição e Transição em uma cultura rural do Brasil. S. Paulo. 1948.